

ENTRE LINHAS:

O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PARA O ENSINO DA DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

PRODUÇÃO: MARCOS VINICIUS
FORMANDO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (UFPA)

ORIENTADORA: MARCIA MALCHER
(FACS/UFPA)

ESTRELANDO:
LUCAS PAIVA
LUCIANO PANTOJA
MARCOS VINICIUS
NAYAN AVIZ
TALLITA ARÃO

DIREÇÃO:
LUCAS PAIVA
MARCOS VINICIUS
MARIA EDUARDA
STEPHANY KELLEN

SCANEIE O QR CODE
E ASSISTA





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FACS)

Marcos Vinicius Corrêa Santos

**ENTRE LINHAS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PARA O ENSINO DA
DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Belém
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FACS)

Marcos Vinicius Corrêa Santos

**ENTRE LINHAS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PARA O ENSINO DA
DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Relatório Acadêmico Científico que respalda as atividades previstas na Instrução Normativa N°5 de 21 de dezembro de 2023 da Universidade Federal do Pará para obtenção do crédito em TC (Trabalho de Curso) no item XIII. Produção artística, cultural e tecnológica e, mais especificamente, no item XII. Produção audiovisual, esta última apresentada na forma de minidocumentário como pré-requisito para conclusão do Curso Superior de Licenciatura em Ciências Sociais, na Faculdade de Ciências Sociais (FACS/UFPA), sob orientação da Prof.^a. Dr.^a Márcia Malcher.

Belém
2025

MARCOS VINICIUS CORRÊA SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais.

Data de aprovação: ___ / ___ / ___

Conceito: _____

Profa. Dra. Marcia Malcher
Orientadora – UFPA/IFCH/FACS

Profa. Dra. Vergas Vitória
Membro da banca – UFPA/ PPGED/ EA/UFPA

Profa. Dra. Jússia Carvalho **Membro da banca – UFPA/
ILC/ FACOM**

Belém
2025

À todas as crianças e adolescentes LGBTQIAPN+ que, assim como eu, enfrentaram/ enfrentam, em suas existências e processos de amadurecimento, medo, preconceito e insegurança, vos dedico este escrito. Somos resistência!

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, expresso a minha gratidão à interseção, proteção, amparo e orientação dos meus caminhos a **Deus, Nossa Sra. de Nazaré** e aos meus **guias espirituais**. Reconheço que me foi dedicado todo o apoio necessário para que essa trajetória, apesar de árdua, fosse suportável e possível de ser vencida!

Aos meus familiares agradeço por todo auxílio, em especial à minha mãe **Tatiane Sacramento** e meu pai **Jonny Marcos** que sempre representaram o verdadeiro significado de parceria. Por sempre se esforçarem, sem demonstrar muito esforço, para possibilitar todas as coisas mais bonitas e singelas que eu necessito, e às vezes as que nem preciso, com muito amor, dedicação e carinho que podem e sempre puderam ser enxergados com muita clareza. Por nunca desistirem de mim e do amor que nos une. Por sempre me apoiarem em todas as minhas decisões e escolhas e por nunca possibilitarem que eu imagine não ser amado por alguém neste plano. Por proporcionarem a mim a sensação de ser apoiado e, verdadeiramente, amado, pelas figuras paternas e maternas, sendo *LGBTQIAPN+*. Vocês representam boa parte do que conheço e sou hoje, amo-os eternamente e cada pedacinho meu tem um pouco de vocês!

À minha irmã **Milena Larissa** por fazer-se presente em cada momento extraordinário da minha trajetória, por todo apoio, amor e dedicação de irmã mais velha. Por cada puxão de orelha e pelos pixes que nunca devolvo. Te amo, irmã.

Aos meus avós **José Maria** e **Silvia Sacramento** que, apesar de sempre respeitarem a mim e me entenderem como alguém responsável e maduro, constantemente fazem me sentir apenas uma criança com tanto carinho, dedicação e “dinheirinhos”, como se eu não precisasse mais de nada, só deles. Por, apesar de não entenderem muitos elementos, me apoiarem tanto com palavras e atitudes de reafirmação desse amor que é muito genuíno. Tenho a sorte de ter avós tão cuidadosos e amorosos. Muito obrigado!

À minha tia **Karla Santos**, uma das maiores referências, talvez inconsciente de tudo que representa na minha trajetória, por todo amor, acolhimento e carinho a mim dedicado, desde os apoios intelectuais ao me presentear com os primeiros livros, criando em mim a paixão por leitura, aos materiais escolares dos sonhos quando eu era apenas um menino e por ter sido a primeira pessoa da minha família a me acolher enquanto um adolescente *LGBTQIAPN+* reafirmando sempre o laço de afeto que nos une. Obrigado por ser uma das principais personalidades de orientação na minha vida pessoal e acadêmica, te amo!

Às relações que foram construídas no ambiente acadêmico ajudando a tornar este espaço mais leve e reafirmando que ainda existem pessoas boas ali, em especial ao meu namorado **Lucas Paiva** por me apresentar um amor leve e genuíno diferente de todas as outras

possibilidades que tive acesso antes. Por nunca desistir do nosso amor e por reafirmar dia após dia que o nosso sentimento é mútuo e recíproco. Obrigado por ser um dos meus maiores alicerces na academia e na vida. Amo você.

À minha amiga **Maria Eduarda**, um dos presentes fruto do meu relacionamento, agradeço por me apoiar e fazer-se presente em tantos momentos da minha vida até quando não tínhamos nem 3 meses de amizade. Por todas as fotos profissionais, pelas vezes que íamos ao shopping de maneira inesperada e por todas as risadas no laboratório de informática da Facom. Te amo, amiga.

À minha amiga de turma, desde o princípio, **Tamilly Caroline**, por, apesar de tudo, ter sido um dos maiores consolos na universidade, por me ouvir, alegrar-se com as minhas conquistas e compartilhar tantos momentos. Pelas horas jogando *free fire*, pela refeição fria na beira do rio e pelas voltas pra casa juntos. Te amo, amiga.

À professora e minha orientadora **Márcia Malcher**, exemplo de educadora, por pegar na minha mão e nunca soltar. Por embarcar nas minhas decisões, por mais malucas que pareçam, e por demonstrar felicidade e apreço por minhas conquistas de maneira que nenhum outro apresentou. Você tem um espaço enorme no meu coração. Gratidão!

Aos amigos responsáveis pelo projeto audiovisual que eu amo tanto, por me apoiarem, aceitarem fazer parte disso e por acreditarem no meu potencial. À figura emblemática da UFPA e vendedor do chopp groove, **Lucinels**, agradeço pela conexão que criamos de maneira leve e imprevista, agradeço por ser minha companhia durante as tuas vendas, por me exaltar tanto e por aturar os *hates* da Gloria. Te amo, amigo.

À **Nayan Aviz** por ser alguém tão querida comigo, por tudo que representas e por ser a pessoa mais famosa a me endeusar e confiar tanto em mim. Por cada conversa, auxílio e troca de afetos que já nos damos, te agradeço muito. Eu amo você!

À **Stephany Kellen** por fazer parte de quase tudo que eu realizo na UFPA, seja me apoiando quieta do jeitinho próprio, rindo de cada palavra que sai da minha boca, ou julgando quando necessário. Muitos momentos teriam sido mais difíceis sem você. Te amo.

À **Tallita Araújo** por, apesar da pouca proximidade, depositar sua confiança em mim e possibilitar a conclusão e divulgação de um dos projetos que eu mais tenho orgulho na vida. Você é luz e nossa conexão foi além deste plano.

À minha amiga e afilhada **Natalia de Paula** por ser uma das maiores apoiadoras dos meus sonhos desde os anos de cursinho. E a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para que esse sonho se tornasse acessível e alcançável. Ao meu eu do passado por não desistir e o meu eu do futuro por me inspirar a ser mais.

Depois do medo, vem o mundo.
- Clarice Lispector

RESUMO

RESUMO: O presente relatório de experiência tem como objetivo registrar o processo de criação, planejamento e produção do audiovisual documental “Entre linhas: o jeito livre de ser” criado com o intuito de contribuir para a inclusão e compreensão da diversidade de gênero e sexualidade na educação básica. A obra apresenta uma exposição sobre o preconceito, inclusão LGBTQIAPN+ e violências simbólicas utilizando relatos e dados que evidenciam a discriminação enfrentada por essas pessoas. No decorrer do relatório, discussões teóricas são apresentadas, abordando a produção audiovisual no âmbito da modalidade minidocumentário, além de referências a autores que trabalham as temáticas de gênero e sexualidade. O trabalho pretende não apenas cumprir os requisitos acadêmicos de aprovação, mas também promover a reflexão crítica entre os alunos do ensino médio sobre a diversidade de gênero e sexual, além da inclusão mais recorrente desta discussão nos espaços de ensino, destacando a urgência de transformação social em um contexto de desigualdade e preconceito. Dessa forma, acredita-se que o trabalho contribui para as ciências sociais e para a formação de uma consciência social mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Inclusão, Educação, Diversidade.

ABSTRACT: This experiential report aims to document the process of creation, planning, and production of the audiovisual/documentary “Entre linhas: the free way of being,” created to contribute to the inclusion and understanding of gender and sexual diversity in basic education. The work presents an exploration of prejudice, LGBTQIAPN+ inclusion, and symbolic violence, utilizing accounts and data that highlight the discrimination faced by these individuals. Throughout the report, theoretical discussions are presented, addressing audiovisual production within the realm of documentary filmmaking, along with references to authors who engage with themes of gender and sexuality. The project aims not only to fulfill the academic requirements for approval but also to promote critical reflection among high school students about gender and sexual diversity, as well as the more frequent inclusion of this discussion in educational spaces, emphasizing the urgent need for social transformation in a context of inequality and prejudice. Thus, the work represents a valuable contribution to the social sciences and the development of a more just and inclusive social consciousness.

Keywords: Gender, Sexuality, Inclusion, Education, Diversity.

RESUMEN: Este informe de experiencia tiene como objetivo registrar el proceso de creación, planificación y producción del audiovisual/documental “Entre líneas: el modo libre de ser,” creado con la intención de contribuir a la inclusión y comprensión de la diversidad de género y sexualidad en la educación básica. La obra presenta una exposición sobre el prejuicio, la inclusión LGBTQIAPN+ y las violencias simbólicas, utilizando relatos y datos que evidencian la discriminación que enfrentan estas personas. A lo largo del informe, se presentan discusiones teóricas, abordando la producción audiovisual en el ámbito del documental, junto con referencias a autores que trabajan las temáticas de género y sexualidad. El trabajo pretende no solo cumplir con los requisitos académicos de aprobación, sino también promover la reflexión

crítica entre los estudiantes de secundaria sobre la diversidad de género y sexual, así como la inclusión más frecuente de esta discusión en los espacios educativos, destacando la urgencia de transformación social en un contexto de desigualdad y prejuicio. De esta forma, el trabajo es una valiosa contribución a las ciencias sociales y a la formación de una conciencia social más justa e inclusiva.

Palabras clave: Género, Sexualidad, Inclusión, Educación, Diversidad.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. O PROCESSO DE CRIAÇÃO, PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO	13
2.1. Uma ideia na cabeça... ..	13
2.2.... E uma câmera na mão	15
3. DISCUSSÃO TEÓRICO-CIENTÍFICA	17
3.1. O documentário e as Ciências Sociais	17
3.2. Gênero e sexualidade desde a perspectiva das Ciências Sociais	20
4. CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA	22
4.1. O ensino de Sociologia e o Audiovisual	22
4.2. Relato de uma experiência	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	
6. REFERÊNCIAS	26
7. ANEXO A - Guia para elaboração de material pedagógico	28
8. ANEXO B – Pôster's versões P&b/colorido e FURG	30
9. ANEXO C – Roteiro	33
10. ANEXO D – APRESENTAÇÃO I SEMINÁRIO DO LABES	34
11. EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA	37

1. INTRODUÇÃO

Dados do site de notícias *Brasil de Fato*, referente ao ano de 2024 e divulgados em janeiro de 2025, reforçam que o Brasil segue sendo o país que mais assassina pessoas LGBTQIAPN¹. A notícia revela que foram registradas, pelo menos, 300 mortes violentas por LGBTfobia no país. Além disso, a jornalista, Andrea Amaral, através do site de notícias *G1*, revela que quase 20% dos estudantes de escolas públicas veem problemas em dividir salas de aulas com pessoas LGBTQIA+, sendo somente entre os meninos 31%². Estes dados alarmantes reforçam a importância da discussão acerca da diversidade sexual e de gênero nos espaços de ensino e, sobretudo, do respeito e acolhimento dessas pessoas por toda a comunidade escolar.

O presente relatório está associado à obra audiovisual *Entre linhas: O jeito livre de ser* (2024), aqui apresentada como TC (Trabalho de Curso) na FACS (Faculdade de ciências sociais) da UFPA (Universidade Federal do Pará). Com duração de 07min35s, esta produção autoral foi pensada e construída, inicialmente, para a disciplina de Laboratório de Ensino de Ciências Sociais I da faculdade, para ser utilizada enquanto parte de um material pedagógico (Bodart, 2021; Silva, 2020) elaborado com o objetivo de estimular estudantes do ensino médio à compreensão das diferentes formas de identidade de gênero e orientações sexuais, analisando o impacto social das normatividades impostas, tendo em vista que a sociedade é composta, majoritariamente, por pessoas héteros e cisgêneros, além de refletir sobre os efeitos da marginalização da comunidade LGBTQIAPN+ no país.

Este escrito está organizado em três itens. O primeiro é destinado a abordar o processo de criação, planejamento e produção da obra audiovisual. Nele, será exposto o contexto da universidade, onde o projeto foi pensado, articulado e executado, além de explicar as nascentes ideias que tornaram essa realização possível.

No item 2 é realizada uma discussão teórico-científica a respeito do que se entende por audiovisual e sobre o formato documental (Nichols, 2016), além dos temas relacionados a

¹ LACERDA, Nara. Brasil teve quase 300 mortes violentas por LGBTfobia em 2024. **Brasil de Fato**. São Paulo, 18 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/01/18/brasil-teve-quase-300-mortesviolentas-por-lgbtfobia-em-2024>. Acesso em 10 de fevereiro de 2025.

² AMARAL, Andrea. A homofobia começa em casa e na escola. **G1**. 13 de junho de 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/homofobia-comeca-em-casa-e-na-escola.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2025.

gênero (Figueiredo, 2018; Milliet, 2016), sexualidade, identidade (Lima; Oliveira, 2023) e suas relações com as ciências humanas e sociais.

Por fim, no item 3, será apresentada uma experiência prática de utilização da obra com fins didático-pedagógicos no ensino de Sociologia na Educação Básica, realizada na EAUFPA (Escola de Aplicação da UFPA), em uma aula com duração de 45 min, como exemplificação de uma possível contribuição do uso da mesma no campo das ciências sociais.

2. O PROCESSO DE CRIAÇÃO, PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO

2.1. Uma ideia na cabeça...

Desde o início da minha trajetória acadêmica, a temática de diversidade sexual e de gênero tem dinamizado a minha formação, de maneira que boa parte das experiências vividas na graduação partem desse recorte. Essa escolha não veio do acaso, mas sim de um processo longo de amadurecimento, marcado por experiências pessoais, que transcendem a mim e que me fizeram enxergar a urgência de discutir essas questões na sociedade, principalmente, levando em consideração as especificidades de crianças e adolescentes LGBTQIAPN+ nas escolas do país, algo que necessita de atenção. Durante minha vida escolar, enfrentei preconceitos e desafios que, por vezes, me desencorajaram, mas, além disso, despertaram em mim um desejo profundo de compreender melhor as dinâmicas sociais que estruturam a discriminação e, ao mesmo tempo, fortalecem a luta por respeito e acolhimento dentro do espaço escolar.

Ao longo do curso, direcionei minhas pesquisas, leituras e atividades acadêmicas para essa área, mergulhando em estudos de gênero, sexualidade, educação e os vinculando a recortes tais como suas relações com a população quilombola e o marcador de raça. Com o tempo, percebi que mais do que compreender essas questões enquanto um adulto gay, “maduro” e com uma base de apoio firmada, era interessante levar esse conhecimento para outros espaços, especialmente para a educação básica.

Sempre sonhei em ver escolas mais acolhedoras para crianças e adolescentes LGBTQIAPN+, onde pudessem se sentir pertencentes, respeitados e livres para serem quem são. Para isso, compartilho da preocupação de outros educadores de que é preciso pensar em novas formas de abordagem e em materiais didáticos mais acessíveis e envolventes. Foi, então,

no contexto da disciplina de Laboratório de Ensino de Ciências Sociais I, ministrada pela professora Márcia Malcher, que surgiu a ideia do audiovisual.

Curiosamente, minha relação com a produção de imagem era praticamente nula antes desse projeto. Nunca havia feito cursos específicos sobre comunicação ou criação audiovisual, desconhecia técnicas de filmagem ou edição e tampouco imaginava que um dia me envolveria na produção de um minidocumentário. Minha única experiência foi um pequeno curso extensionista de “Audiovisual na escola”, realizado dias antes da produção, mas sem grandes pretensões.

A escolha pelo formato documental foi um processo de construção e reflexão conjunta, com uma colega de turma da referida disciplina e outras duas pessoas estudantes do curso de Comunicação Social da UFPA que mais tarde disponibilizariam a sala de rádio de sua faculdade para a gravação da narração isolada. Minha intenção nunca foi criar um minidocumentário tradicional, com entrevistas formais, em que existisse perguntas e respostas previsíveis e uma abordagem investigativa rígida. Pelo contrário, queria algo mais leve, acessível e que pudesse dialogar diretamente com crianças e adolescentes. Muitas produções sobre diversidade de gênero e sexualidade carregam um tom mais denso, tratando de discriminação e violência de maneira pesada, o que, pensei, poderia acabar afastando parte do que seria meu público-alvo. Minha proposta era diferente: um modelo de audiovisual que trouxesse relatos espontâneos, cenas que transmitissem acolhimento e pertencimento, e uma narrativa que pudesse ser exibida nas escolas sem receio de ser considerada “inadequada” para determinadas faixas etárias.

Para isso, busquei referências que me ajudassem a construir essa estética e essa abordagem mais sensível. Documentários como *Sobre Vivências* (Gabriel Celestino e Leonidas Taschetto, 2018) e *Não gosto dos meninos* (André Matarazzo e Gustavo Ferrari, 2017) foram fundamentais para entender a importância de dar voz às experiências reais e capturar a autenticidade dos relatos. No entanto, percebi que queria um tom ainda mais suave e acolhedor, algo que se aproximasse do universo infantojuvenil e estudantil e que não carregasse um caráter exclusivamente político, mas que, ainda assim, servisse como um recurso para promover debates dentro e fora da sala de aula.

Foi assim que o minidocumentário começou a tomar forma dentro da disciplina de Laboratório I, que teve como proposta incentivar os alunos a experimentarem diferentes formatos e materiais para a promoção de conhecimento sociológico nas salas de aula. Enquanto muitos colegas optaram por mobilizar produções fotográficas e sonoras já existentes, adequando-as para fins didático-pedagógicos, eu decidi criar algo do zero e o audiovisual foi o

único naquela disciplina, o que fez dele um grande desafio, mas também uma experiência enriquecedora.

Além de ser um projeto autoral, a produção também foi pensada para ser usada de maneira educativa, já que, de acordo com os objetivos de Laboratório I, ela seria acompanhada de um Guia Didático, tendo em mente o ensino de Sociologia na educação básica. Esse guia (**Anexo A**), que incluía dentre outros descritivos, a sequência didática da aula, foi apresentado no I Seminário do LABES (**Anexo D**), organizado pela turma no âmbito da disciplina, e que reuniu as professoras da educação básica Nelma Freitas, Vergas Vitória, Mariana Ximenes, Letícia Cardoso, como debatedoras dos nossos trabalhos, alunos de ciências sociais e comunidade externa. Nele, a ideia era que o minidocumentário pudesse ser um ponto de partida para discussões em sala de aula, proporcionando um espaço de diálogo e troca de experiências com/entre os estudantes.

Antes mesmo do seminário, ele já estava disponível no YouTube e no meu perfil pessoal no Instagram, tendo sido recebido positivamente por pessoas conhecidas e desconhecidas, atraídas por este projeto. No evento em questão não foi diferente, apesar de uma crítica mais rigorosa por parte da profa. Mariana Ximenes, que demonstrou preocupação com a recepção do audiovisual no caso de alunos do ensino fundamental, no sentido de reforçar estereótipos, remetendo a uma das pessoas entrevistadas que afirma gostar de Joelma. Crítica essa que foi absorvida nos ajustes que fizemos posteriormente no guia, mesmo que a aula seja para o ensino médio, a fim de enfatizar a pluralidade da população LGBTQIAPN+ ao mesmo tempo que valorizar as experiências e os relatos dos entrevistados.

É importante destacar que o guia apresentado é, seguindo a classificação de Andréa Silva (2020), um material pedagógico e não um recurso didático. Para ela, o primeiro se refere a artefatos culturais como fotografias, audiovisuais e canções adaptados para fins didáticopedagógicos, enquanto os recursos didáticos são aqueles materiais criados especificamente para fins de aprendizagem, a exemplo de livros didáticos, jogos didáticos, mapas educacionais temáticos, etc. Isso significa que o documentário não foi concebido como um recurso didático. Ele é, antes de tudo, uma obra autoral, que encontrou no Laboratório I a possibilidade de ser “traduzida” para o ensino da Sociologia por meio de um material pedagógico. Isso significa que ele não foi pensado como um vídeo de intencionalidade educacional estrita, com explicações e conceitos prontos, mas como um meio de sensibilização e reflexão, que pode, dentre outros usos, ser adaptado e explorado de diferentes maneiras dentro

do ambiente escolar por professores, a exemplo do que foi feito no guia apresentado no I Seminário do LABES (**Anexo A**), enquanto requisito de avaliação da disciplina de laboratório.

2.2.... E uma câmera na mão

Se a ideia do documentário nasceu como um desejo de falar sobre essa temática e trazer um olhar mais leve e acessível para quem assiste, a realização prática foi um verdadeiro desafio me fazendo questionar, por vezes, se conseguiria finalizá-lo. Nunca havia trabalhado com produção audiovisual antes e, por isso, todo o processo foi uma jornada de aprendizado, improvisado e colaboração. Da escrita do roteiro às filmagens e à edição final, cada etapa trouxe desafios e soluções criativas que possibilitaram um resultado final do qual me orgulhei.

Inicialmente, o roteiro e o planejamento, como pensados para ser um material leve, elaborei uma estrutura básica que servisse como guia para as filmagens, sem engessar os depoimentos dos participantes. Defini alguns temas-chave para serem abordados, como identidade, aceitação e vivências no ambiente universitário. Em seguida, criei um roteiro flexível, possibilitando a escolha por parte das pessoas participantes, para garantir que elas pudessem falar livremente sobre suas experiências e sobre o que fosse confortável.

Com o roteiro e o planejamento definidos, veio a etapa de escolha dos participantes. Esse foi um dos momentos mais delicados do processo. Apesar de conhecer muitas pessoas LGBTQIAPN+ dentro e no exterior da universidade, deparei-me com a quebra de expectativas em encontrar pessoas dispostas a aparecer no documentário, isso porque a maioria ainda não era assumida para suas famílias ou não recebia apoio de seus grupos familiares, temendo possíveis consequências negativas no futuro caso tivessem suas imagens expostas. Por isso, as pessoas que participaram foram escolhidas por aproximação, entre aqueles que se sentiam confortáveis e seguros para compartilhar suas histórias: Lucas Paiva, que também auxiliou o processo de produção; uma conselheira da União Nacional dos Estudantes (UNE), Nayan Aviz; uma figura emblemática da UFPA e vendedor do chopp groove, Luciano; e uma acadêmica de pedagogia da universidade muito disposta e conhecida por termos amizades em comum, Talitta e, por fim, eu.

Como dito, a produção do minidocumentário contou com o apoio fundamental de dois alunos da Faculdade de Comunicação (FACOM), Lucas Paiva e Maria Eduarda, que ajudaram na parte técnica e operacional das gravações. Inicialmente, escolhemos o laboratório de rádio da FACOM como um dos espaços principais para as filmagens, pois o local foi cedido pela faculdade para facilitar o trabalho da equipe. Todas as gravações aconteceram dentro dos

espaços da cidade universitária da UFPA, aproveitando tanto ambientes fechados quanto áreas externas que proporcionaram uma estética mais natural e espontânea ao filme.

Os equipamentos utilizados foram diversos e vieram de diferentes fontes. As narrações foram feitas todas com microfones do próprio laboratório de rádio, garantindo uma captação de áudio de boa qualidade. As captações dos participantes foram realizadas com microfones emprestados por amigos, o que ajudou a diversificar e aproximar as vozes e tornar as gravações mais dinâmicas. Para as imagens, conseguimos uma câmera profissional cedida por uma das professoras da Faculdade de Comunicação, o que elevou a qualidade visual de algumas cenas. No entanto, grande parte das imagens foi capturada com celulares próprios, incluindo o meu. O que ressalta o trabalho independente e experimental do projeto, que se fez possível graças à colaboração e ao improviso.

As filmagens foram uma experiência única. Diferente do que se espera de uma produção documental, marcada muitas vezes por um tom sério e introspectivo, o clima no set era leve e divertido, possibilitando, inclusive, a criação do que se entende por *making of*. Cada gravação era conduzida com o objetivo de criar um ambiente confortável para os participantes, o que ajudou a tornar os relatos mais naturais e autênticos. Houve momentos de risadas, pausas para conversas descontraídas e até ajustes de última hora para aproveitar melhor a luz natural ou encontrar o melhor ângulo para determinada cena. Essa espontaneidade se refletiu no resultado final, dando ao minidocumentário uma estética mais fluida e acessível.

A edição foi um capítulo à parte. Sem experiência prévia com edição de vídeos, me aventurei sozinho no processo, dedicando um dia inteiro para montar o filme no aplicativo *CapCut* e para a escolha das cenas, levando em consideração que tínhamos muitos *frames* interessantes e um tempo curto a cumprir pensando na apresentação deste projeto audiovisual. Foi um trabalho intenso, de tentativa e erro, em que fui descobrindo aos poucos os melhores cortes, transições e ajustes de cor para dar um tom mais coeso aos cortes e ao minidocumentário. Além disso, contei com a ajuda do meu namorado, que contribuiu na criação das máscaras da capa do vídeo, adicionando um toque visual que reforçava a identidade do projeto e que trouxe um aspecto mais profissional ao filme.

Finalizar o minidocumentário foi um momento de grande realização profissional, mas, principalmente, pessoal. Cada detalhe, cada escolha técnica e narrativa contribuiu para construir um filme que não apenas cumpria seu propósito, mas também transmitia emoção, acolhimento e representatividade. O processo, apesar de desafiador, foi enriquecedor e me mostrou o potencial que o audiovisual tem como ferramenta de ensino e sensibilização social. Essa

experiência reforçou ainda mais minha vontade de transformar a educação, tornando temáticas como a diversidade sexual e de gênero parte do cotidiano das escolas e dos alunos, de forma natural e respeitosa.

3. DISCUSSÃO TEÓRICO-CIENTÍFICA

3.1. O documentário e as Ciências Sociais

O documentário, enquanto material cinematográfico, tem uma relação essencial para/com as ciências humanas e sociais, isso porque ele se propõe a representar e problematizar determinada realidade social. Seu compromisso com a verdade não significa uma simples reprodução dos fatos, mas sim um “tratamento criativo da realidade”, como definiu Grierson (1932) através do estudo. Essa conceituação já sugere a profundidade do documentário: ao mesmo tempo que está baseado em elementos reais, permite a pessoa produtora do material uma margem de criação e interpretação, o que o aproxima dos estudos sociológicos (e antropológicos), que também buscam analisar e compreender a realidade social a partir de perspectivas teóricas e metodológicas específicas.

Nichols (2016), um dos principais teóricos do que se entende por documentário, enfatiza essa dualidade ao afirmar que esse material cinematográfico equilibra a visão criativa do cineasta com o respeito ao mundo histórico/social. Diferente das criações ficcionais, que trabalham com narrativas e personagens criados, o documentário lida com chamados atores sociais que representam a si mesmos e, ao fazê-lo, influenciam e são influenciados pelo processo de filmagem. Esse aspecto dialoga com questões fundamentais das Ciências Sociais, especialmente nas áreas de pesquisas em antropologia e na sociologia, nas quais o pesquisador também interage com seus sujeitos de estudo e, de alguma forma, influencia o campo - com a observação participante ou não, e demais metodologias científicas - em que atua.

Nichols (2016), ainda, categoriza os documentários em seis principais modos cinematográficos, sendo que cada um possui características distintas (das quais se pode estabelecer diferentes formas de aproximação com os métodos das ciências sociais): 1) Expositivo (associado ao documentário didático e informativo, em que o uso da narração, entrevistas e imagens ilustrativas são comuns, dando ao espectador uma sensação de objetividade e autoridade sobre os fatos apresentados); 2) Poético (tem o objetivo de transmitir sensações e estados de ânimo, muitas vezes aproximando o documentário da arte experimental); 3) Observativo (também conhecido como cinema direto, esse modo tenta capturar a realidade

com o mínimo de interferência do cineasta - não há entrevistas ou narração, e os acontecimentos são registrados tal como se apresentam, permitindo que o espectador tire suas próprias conclusões); 4) Participativo (nesse modo, o cineasta não se torna apenas um observador, mas interage ativamente com os atores sociais, seja através de entrevistas ou do compartilhamento de experiências); 5) Reflexivo (em que se questiona os próprios métodos de representação e o papel do cineasta na construção da narrativa, convidando o espectador a refletir sobre os processos de edição, filmagem e montagem, estimulando uma consciência mais crítica sobre o que é visto); e, por fim, o 6) Performático (que é dirigido ao espectador de maneira emocional e subjetiva, muitas vezes utilizando elementos autobiográficos e estilizações expressivas para transmitir experiências individuais e coletivas). Esse último pode, facilmente, ser visto como uma ferramenta poderosa para dar visibilidade a discussões de minorias sociais e engajamento político.

O Entre linhas: O jeito livre de ser apresenta características do aspecto participativo ao se manifestar, atrás e na frente das câmeras, na interação direta entre os participantes do projeto e eu. O minidocumentário não se limitou a registrar a realidade de maneira passiva, mas foi construído partindo do diálogo entre todos os envolvidos, criando um espaço de troca e reflexão. Ademais, há uma forte dimensão performática, pois os depoimentos e cenas não apenas informam sobre a temática abordada, mas também transmite emoções e vivências que muitas vezes não são representadas na mídia tradicional como os relatos de meninos gays que se reconhecem dessa forma desde, aproximadamente, os seis anos de idade e as consequências disso.

Dito isso, o produto “documentário”, assim como as dinâmicas sociais, parte da ideia de que a realidade não é fixa nem objetiva, mas sempre mediada por visões, discursos e interpretações distintas. Nichols (2016) ressalta que o documentário é um meio de persuasão, ou seja, induzimento, pois toda a sua estrutura pensada busca convencer o espectador de um determinado ponto de vista. Esse aspecto se aproxima das análises das ciências sociais, que constroem argumentos baseados em dados e interpretações. No entanto, enquanto a antropologia e sociologia se apoiam em metodologias acadêmicas e rigorosas, o documentário utiliza os recursos da linguagem cinematográfica – como a imagem, o som e edições – para construir suas narrativas e gerar impacto emocional.

A Sociologia da Imagem e da Fotografia, conforme discutido por José de Souza Martins (2008), a partir das perspectivas de Bagolin e Reis (2009), também contribui para essa relação entre documentário e Ciências Sociais. Martins (2008) argumenta que a imagem não é apenas

um registro da realidade, mas um meio de interpretação. A fotografia e o documentário têm o poder de revelar aspectos invisíveis da vida social, exemplificando desigualdades e conflitos que muitas vezes passam despercebidos.

Essa perspectiva é fundamental para entender o impacto do documentário no ensino e na pesquisa em ciências sociais. Ao trazer para a tela histórias e experiências oprimidas e marginalizadas, o documentário pode atuar como um instrumento de sensibilização e transformação de determinado contexto social. No caso do minidocumentário produzido por mim, o objetivo era justamente esse: criar um material que pudesse dialogar com estudantes do ensino básico, apresentando a diversidade sexual e de gênero de forma acessível e acolhedora, sem reforçar estereótipos ou discursos negativos.

Por fim, o documentário e as ciências sociais estão complementadas e essa união permite um excelente diálogo. Ambos buscam compreender e representar uma realidade social, mas o fazem por meio de ferramentas e linguagens distintas. Enquanto as Ciências Sociais se apoiam em métodos de pesquisa rigorosos, o documentário utiliza os recursos do audiovisual para construir narrativas que impactam e sensibilizam o receptor.

3.2. Gênero e sexualidade desde a perspectiva das Ciências Sociais

A construção das discussões a respeito de identidades de gênero e diversidade sexual tem sido um dos recortes mais dinâmicos e complexos das ciências humanas e sociais. Inicialmente endossado para desprender o sexo biológico das construções socioculturais, transformou-se em uma ferramenta intensa e essencial para compreender as relações de poder e as estruturas sociais que organizam a vida em sociedade (Mello, 2010, p.1).

Sobre isso, o conceito de gênero e suas discussões nas ciências sociais, conforme formulado por Joan Scott (1990) e discutido por Erica Janecek de Mello (2010) em “Estudos de gênero no âmbito das Ciências Sociais”, é uma forma de análise histórica que expressa relações de poder e estrutura a sociedade de maneira crescente, influenciando práticas culturais, econômicas e políticas. Scott ressalta que o gênero não é apenas uma identidade individual, mas uma construção que organiza e molda hierarquias (institucionais, familiares e de relações) e determina quem tem acesso a certos direitos e espaços.

Quanto a isso, Rubin (1975), ao introduzir a noção de “sistemas sexo/gênero”, expressa que a opressão às mulheres e das identidades dissidentes decorre de um conjunto de práticas sociais e culturais que controlam os corpos e as sexualidades consideradas inferiores ou marginalizadas, caso dos corpos LGBTQIAPN+. Já Butler (1990), por sua vez, radicaliza essa

ideia ao afirmar que o gênero é performado, ou seja, ele não é algo que se “é”, mas algo que é criado e ensinado repetidamente dentro de normas culturais específicas. Essas concepções teóricas dialogam diretamente com a proposta do audiovisual “Entre Linhas”, pois o filme busca apresentar relatos e experiências que desmontam a ideia de um gênero fixo e naturalizado. Ao mostrar diferentes vivências LGBTQIAPN+, maneiras diversas de autodescobrimento, o não respeito das práticas “masculinas” por parte dos meninos gays, ele evidencia a multiplicidade das identidades, contribuindo para uma compreensão mais ampla do tema.

Além disso, as abordagens relacionadas à temática dentro das ciências humanas e sociais, inicialmente no contexto norte americano, perpassam pelo conceito de interseccionalidade, construído por Kimberlé Crenshaw (2015), uma das principais autoras de estudos de raça, pois ela aponta como as opressões de gênero, raça e classe estão interligadas. Silva e Santos (2023) em “Kimberlé Crenshaw: Interseccionalidade, Raça e Gênero” afirmam que “ao unir raça e gênero, Crenshaw destaca como as mulheres negras, por exemplo, enfrentam desafios únicos que não podem ser totalmente compreendidos ao examinar apenas uma dessas dimensões” (Silva; Santos, 2023, p. 36). No Brasil, essa abordagem tem sido amplamente discutida por intelectuais negras e LGBTQIAPN+, como Maurício Barbosa de Lima e Megg Rayara Gomes de Oliveira³ (2023), que destacam a importância de reconhecer como diferentes marcadores sociais atravessam os sujeitos e moldam suas experiências. O documentário se aproxima dessa perspectiva ao retratar vivências que não podem ser reduzidas a um único eixo identitário, mas que são complexificadas por fatores como cor, classe, territorialidade e diversidade sexual e de gênero na mesma pessoa, como no caso da conselheira da UNE, Nayan Aviz, que se apresenta como travesti e bissexual.

O artigo “Desmunhecando e Empretecendo a Universidade”, de Lima e Oliveira (2023), enfatiza a necessidade de criar espaços acadêmicos mais acolhedores para corpos pretos, afeminados, além de enfatizar a importância desses corpos em locais de destaque como de professora. A escrevivência, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, que associa os termos “escrever” e “vivência”, no intuito de narrar experiências negras e as suas lutas, explícito no livro intitulado “Olhos d 'água” (2014), no qual a autora destaca momentos relacionados a sua trajetória e de sua mãe enquanto mulheres negras pertencentes a comunidade periférica e de classe marginalizada, aparece nesse contexto como um instrumento que permite dar voz a sujeitos historicamente marginalizados. Essa proposta está altamente associada com a estrutura

³ A primeira travesti a receber o título de doutoramento no Brasil.

do documentário, que também se baseia na oralidade e na experiência direta dos participantes para construir sua própria narrativa.

Nesse sentido, o minidocumentário não se propõe apenas como um exercício acadêmico para a disciplina de Laboratório I, mas, principalmente, como um material que pode ser utilizado para promover debates e reflexões dentro e fora de contextos educativos. A diversidade sexual e de gênero não é um tema isolado dentro das ciências sociais, mas um debate amplo que nos leva a repensar categorias tradicionais de análise. Assim como Butler nos ensina que o gênero é um ato performativo e em constante alteração, o documentário também se inspira no movimento implicado na performance, numa tentativa de capturar e expressar as múltiplas formas de existir e resistir no mundo.

4. CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA

4.1. O ensino de Sociologia e o Audiovisual

A educação básica no Pará enfrenta desafios históricos que impactam as condições de trabalho dos professores e profissionais da educação, bem como as condições de aprendizado dos alunos, o que implica na desvalorização da sociologia e das ciências humanas nas escolas. Afora problemas estruturais relacionados, por exemplo, a abastecimento de água, escassez de equipamentos e laboratórios presentes na rede de ensino público no Pará (Noronha; Araújo; Costa, 2017), a nova reforma do ensino médio (Lei nº 13.415/2017) também impactou o sistema educacional e a valorização dos professores. A divisão do currículo em dois ciclos, sendo um deles destinado aos itinerários, prejudicou a carga horária da Formação Geral Básica, tornando disciplinas essenciais como sociologia “estudos e práticas”, o que compromete a formação de indivíduos capazes de pensar criticamente. Objetivamente, no Pará, o chamado “novo ensino médio” implicou na redução da carga horária da disciplina de Sociologia no ensino médio, de dois para um tempo por semana. Mello (2023), no estudo intitulado “O novo ensino médio e seus impactos na cidadania dos estudantes das escolas públicas - a perspectiva habermasiana” revela, por exemplo, que durante os anos de 2021 e 2022 o número de alunos matriculados no ensino médio caiu 5,13%, o que pode significar um dos efeitos dessa nova sistematização.

Além do impacto sobre os alunos, a reforma do ensino médio impõe uma precarização acelerada do trabalho docente, permitindo a contratação de profissionais sem licenciatura com base no chamado “notório saber”, desvalorizando a formação pedagógica e ameaçando a qualidade do ensino. Palhano (2007), em “Experiência da sociologia processo seletivo seriado

(PSS) - antigo vestibular- Universidade Federal” revela que no estado, a obrigatoriedade da sociologia no ensino médio e fundamental foi estabelecida antes mesmo da legislação nacional, em 1985, mas, apesar disso, e a partir de diversas experiências próprias de estágios em instituições diversas de ensino, ficou visível que a consolidação desse ensino ainda enfrenta desafios alarmantes, como a falta de condições de ensino, materiais didáticos e estruturas adequadas.

Apesar dessas dificuldades que, por vezes, desmotivam alunos e professores da educação básica no Pará, o uso de recursos didáticos inovadores também faz parte do processo que visa a melhoria da qualidade de ensino, embora esta última dependa de lutas que vão além da sala de aula e abarcam melhoria das condições de trabalho e de aprendizagem na rede pública de educação, principalmente. Nesse contexto, apesar da carência de sistemas de transmissão de materiais digitais nas escolas, o audiovisual se apresenta como uma ferramenta pedagógica ímpar, capaz de tornar os conteúdos sociológicos mais interessantes, gerando maior engajamento dos estudantes. Conforme aponta Fernanda de Lemos Rocha (2020) em sua dissertação “A Sociologia Vai ao Cinema”, o uso de audiovisuais na sala de aula potencializa o processo de ensino-aprendizagem (Rocha, 2020, p.8), além de contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos.

Além disso, entende-se que o audiovisual ocupa um lugar privilegiado no contexto cultural contemporâneo, sendo uma das principais formas de consumo de informação e entretenimento entre os jovens. O acesso constante a imagens e narrativas visuais transforma a maneira como os estudantes aprendem e interagem com o conhecimento. Como argumenta Rocha (2020), a utilização de filmes e documentários em sala de aula pode facilitar a compreensão de conceitos antes presos no imaginário da Sociologia, promovendo a desnaturalização e estranhamento positivo de fenômenos sociais e estimulando a criação de novos padrões de conhecimento.

Em sua análise, Fernanda Rocha (2020) aponta que o uso de audiovisuais como recurso didático pode contribuir de diversas formas com o ensino de sociologia, como na aproximação com o universo dos estudantes, no desenvolvimento da imaginação sociológica, no estímulo à análise crítica e na diversificação dos métodos de ensino. Em sua dissertação, traz ainda um exemplo prático de como estruturar uma disciplina de Sociologia baseada no audiovisual. Para isso, a autora estudou literaturas relevantes, atuou em campo como pesquisadora participante, realizou questionários com educadores e os resultados foram positivos, ampliando o interesse dos estudantes focais e sua capacidade de reflexão crítica.

Os audiovisuais, mais precisamente o documental, são entendidos como recursos valiosos e revolucionários para o ensino de Sociologia, pois parte de uma perspectiva realista, de experiências concretas sobre fenômenos sociais diversos. Nesse contexto da ciência que estuda a sociedade, o audiovisual documental pode ser utilizado para abordar diversos temas, como estratificação social e/ou desigualdade econômica, movimentos sociais e resistência política, identidade de gênero e diversidade sexual, cultura – tema pensado por mim, inclusive, ao preparar uma aula sobre cultura negra focada nas religiões de matriz africanas -, violência e marginalização.

Além da experiência de produção do minidocumentário na disciplina de Laboratório I e da sua apresentação no I Seminário do LABES, o referido audiovisual *Entre linhas* também participou da mostra da UFMG e agora faz parte do acervo internacional de recursos didáticos para professores o Cine Na Escola⁴, construída conjuntamente por Universidades, Faculdades e o grupo de estudos LECAV (Laboratório de Educação Cinema e Audiovisual) dos estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o que reforça a importância do audiovisual para fins educacionais. Por isso, o uso do mesmo no ensino de Sociologia pode ser uma estratégia didática para tornar a disciplina mais dinâmica e significativa. Filmes e documentários podem ajudar na interpretação da realidade social, promover a imaginação sociológica e estimular o pensamento crítico dos alunos. Ao integrar o audiovisual ao ensino de Sociologia, cria-se uma ponte entre a escola e a vida pessoal dos estudantes, tornando o conhecimento mais acessível, relevante e familiarizado.

4.2. Relato de uma experiência

A experiência de levar o projeto para o ambiente escolar foi um marco importante no meu percurso acadêmico, sobretudo, na minha vida pessoal e no cumprimento da proposta deste trabalho. É importante ressaltar, mais uma vez, que esta obra é totalmente autoral, idealizada, planejada e executada por mim, e com auxílio de colegas que resolveram sonhar junto comigo, sem a intenção inicial de ser um recurso didático convencional. No entanto, levando em consideração o seu desenvolvimento no âmbito da disciplina de Laboratório I e, posteriormente, como parte das atividades previstas na disciplina de Laboratório de Ensino de Ciências Sociais II, ele foi experimentado como um material pedagógico em sala de aula. Essa prática, que foi realizada na Escola de Aplicação da UFPA com uma turma do 1º ano do ensino médio, buscou

⁴ Plataforma Cine na Escola disponível em: <https://cineaescola.org/>.

compreender de que forma o documentário poderia dialogar com os alunos: permitiu que avaliássemos as expectativas que tínhamos e a reação dos discentes no que se refere a uma temática “pouco discutida”, além de contribuir para a abordagem da diversidade sexual e de gênero dentro da sala de aula.

No Laboratório II, alguns ajustes foram feitos no guia que acompanhava a obra desde a primeira versão, feita no Laboratório I. Um dos principais ajustes foi a alteração das referências teóricas utilizadas. Inicialmente, o guia trazia tanto Simone de Beauvoir quanto Judith Butler como autoras fundamentais para a discussão. No entanto, ao longo do processo de aprimoramento, optou-se por manter apenas Judith Butler como referência central. Essa decisão foi tomada levando em consideração a necessidade de uma abordagem mais alinhada com o conceito de performatividade de gênero, com o público alvo e com a necessidade de debater sobre a desconstrução das normatividades de gênero e sexualidade impostas.

Além disso, outro ajuste significativo (esse um tanto quanto inesperado) foi a escolha da turma para a prática. Antes, havia uma preferência por turmas do terceiro ano do ensino médio por acreditar que estes estariam mais aptos a receberem esse tipo de discussão, mas no Laboratório II, por conta do calendário da UFPA e da escola de aplicação, fomos levados a realizar a experiência com uma turma de primeiro ano do ensino médio do NPI. Essa escolha trouxe consigo um novo desafio: adaptar a abordagem para um público jovem, em um momento inicial do Ensino Médio, garantindo que a linguagem e os conceitos apresentados fossem compreendidos e acessíveis. Desse modo, a aula foi modificada, tanto na abordagem quanto em alterações nos slides, com uma linguagem e elementos mais próximos da faixa etária da turma, além de tornar essa uma aula mais didática. A prática da regência foi realizada com o acompanhamento do professor Andrey Lima, que nos cedeu o tempo e o espaço para a mesma.

Antes mesmo de entrar na sala de aula, confesso que as expectativas eram negativas e de incerteza, pois nunca havia presenciado uma discussão como essa sendo trazida para dentro de sala de aula. Como os alunos receberiam o minidocumentário? Haveria resistência ou interesse? Esse medo era, como disse anteriormente, justificado, pelo fato de que a diversidade de gênero e sexualidade, apesar de ser um tema presente nos debates acadêmicos (e menos do que deveria, diga-se de passagem), ainda enfrenta resistências no ambiente escolar básico. Além disso, havia a preocupação sobre o nível de maturidade da turma, principalmente por parte dos meninos, para lidar com a temática, e como esses prováveis acontecimentos ajudariam ou atrapalhariam o desenvolvimento da aula.

O início da regência seguiu um formato estruturado no guia de ensino: primeiro, foi realizada uma breve exposição teórica sobre os conceitos e da autora Judith Butler, que são entendidos como fundamentais, relacionados ao minidocumentário, situando a turma no contexto da discussão e preparando-os para a exibição do audiovisual. Foi perceptível que parte da turma acompanhava a explicação com bastante atenção, demonstrando interesse e curiosidade pelo tema. No entanto, havia também um grupo que se mostrava mais disperso, fazendo comentários paralelos e brincadeiras, algo que já era esperado, especialmente entre os meninos.

Durante a exibição do minidocumentário e após isso, houveram mudanças interessantes, inclusive apontadas, também, pela professora Márcia da disciplina de laboratório que ali fazia o papel de supervisora dessa experiência. O fato de o audiovisual ser um produto autoral e de eu estar ali, como responsável direto por ele, gerou um impacto positivo. Os alunos, ao perceberem que o material era fruto do nosso trabalho e que eu estava presente como um dos participantes no vídeo, expondo minha experiência e falando de preconceito fincado no fundamentalismo religioso, passaram a prestar mais atenção, demonstrando respeito e curiosidade pela produção. O documentário conseguiu prender a atenção da maioria dos estudantes. Muitos demonstraram interesse genuíno nas falas e nos relatos apresentados no filme, participaram do debate, sugeriram ideias de intervenção ao preconceito e discriminação, o que reforçou a importância de trabalhar com narrativas visuais e representações autênticas dentro do ambiente escolar.

Apesar disso, uma das principais conclusões que tiramos dessa experiência foi que uma única aula pode não ser suficiente para abordar um tema tão amplo e complexo como a diversidade de gênero e sexualidade. O tempo disponível foi curto para aprofundar todas as questões que surgiram ao longo da prática e no destrinchar de conceitos fundamentais. Além disso, outro ponto relevante foi o contexto da escola. Em se tratando de uma Escola de Aplicação, cuja estrutura e abordagem pedagógica são diferenciadas, com um corpo docente e discente que já possuem certo contato com discussões que, em outras escolas, ainda são pouco exploradas, acreditamos que isso facilitou a recepção do documentário e garantiu que, apesar das resistências pontuais, houvesse um nível considerável de atenção e participação por parte dos alunos. Em um contexto diferente, essa recepção poderia ter sido mais desafiadora, o que levanta a questão sobre como adaptar e inserir materiais desse tipo em escolas com perfis distintos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos analisados, ficou-se evidenciada a relevância de materiais pedagógicos diversificados e com abordagens renovadas, no sentido de produção de materiais que melhor dialoguem com os estudantes e os aproxime de determinadas discussões, no ensino no contexto da educação básica e, sobretudo, na área de ciências sociais. Além do uso de temáticas tão presentes na sociedade, mas tão distante da realidade estudantil, como de diversidade sexual e de gênero, grupos minoritários, movimentos de resistências e desigualdades.

A experiência de idealização, produção e criação do audiovisual *Entre linhas: O jeito livre de ser* representa, além das conquistas profissionais de divulgação e uso em sala de aula, um feito pessoal com a sensação de agente participante da promoção de desenvolvimento social e acolhimento por meio da educação e comunicação audiovisual. A produção foi publicada na plataforma YouTube (Marcs, 2024, Marcos are marcs), em meu perfil pessoal no Instagram (Marcs, Marcos are), exposto na Mostra Acadêmica de Produção Audiovisual (MAPAFURG, 2024) e anexado ao acervo da plataforma internacional Cine na Escola do Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CINEAD/LECAV), contribuiu de maneira significativa na minha trajetória acadêmico-científica-pessoal enquanto educador, sociólogo e pesquisador.

6. REFERÊNCIAS

- BAGOLIN, Luiz Armando; REIS, Magali dos. Sociologia da fotografia e da imagem. **Tempo Social**, 214–217, 2009.
- BODART, Cristiano das Neves. **Conceitos e Categorias Fundamentais do Ensino de Ciências Sociais**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Reino Unido: Routledge, 1990.
- CRENSHAW, Kimberlé. **On Intersectionality**. New York: New press. p.1-320, 2015.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas. p.1-116, 2014.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler**. Rio de Janeiro: Criação & Crítica, n.20, 2018. Acesso em 01 de março de 2025.
- FILMES, Auarat. **Sobre vivências**. 1 vídeo (53:35:00). Publicado por Auarart Filmes. Disponível em: https://youtu.be/3HpfRWEYVqM?si=38a1xN_0lwaNr3oF
- GRIERSON, Jhon. **First Principles of documentary in Forsyth Hardy**. Los Angeles: University of California Press, pp.145-156, 1932.
- LIMA, Mauricio Barbosa de; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Desmunhecando e empretecendo a universidade: escrevivências de corpos pretos, afeminados e sapatônicos. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM**. v. 13, n. 27, 2023.
- MARCS, Marcos are. **Entre linhas: O jeito livre de ser** | o audiovisual. 09 de out de 2024. Instagram [@marcosaremarcs](https://www.instagram.com/reel/DA61JH0yjD0jGD4cqiMIZHFg3v0i2WaL3fs98Y0/?igsh=M TlkYXYzeHAzcG5kOA==). Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DA61JH0yjD0jGD4cqiMIZHFg3v0i2WaL3fs98Y0/?igsh=M TlkYXYzeHAzcG5kOA==>. Acesso em 20 de fevereiro de 2025.
- MARCS, Marcos are. **Entre linhas: o jeito livre de ser**. Ananindeua. 1 vídeo (07:35:00). Publicado pelo Marcos are marcs. Disponível em: <https://youtu.be/ZF2j9rR-GOA?si=7fCK5YfoDx0PBFE>. Acesso em 20 de fev. de 2025.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Edusp. 2008.
- MELLO, Erica Janecek de. **Estudos de gênero no âmbito das Ciências Sociais: material de apoio para o professor de Sociologia do Ensino Médio**. São Paulo: FFLCH/USP, 2010.
- MELLO, Marcelo Pereira de. O Novo Ensino Médio e seus impactos na cidadania dos estudantes das escolas públicas a perspectiva habermasiana. **Anais do XIX Colóquio Habermas e X Colóquio de Filosofia da Informação**. Rio de Janeiro: Logeion. p. 371-386, 2023.

MILLIET, Sérgio. **Simone de Bevoir e “O Segundo Sexo”** (1980). Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2016.

NORONHA, Gean F.; Araújo, Ronaldo M. L.; Costa, Ana M. R. **O ensino médio no estado do Pará: os indicadores de ofertas nas regiões de integração do Marajó e metropolitana de Belém no ano de 2014**. MARGENS – Revista Interdisciplinar, v. 11, n.17, p. 209-223, 2017.

PALHANO, Eleanor. **Experiência da sociologia processo seletivo seriado (PSS)**, - antigo vestibular- Universidade Federal. **Ensino de sociologia: temas emergentes**. São Paulo: USP. p. 1-10, 2007

PRIMOS, Acasa dos. **Não gosto dos meninos**. 1 vídeo (18:02:00). Publicado por Acasa dos primos. Disponível em: <https://youtu.be/ij9baks8i64?si=uEQ1m1b5aA1t2ESW>. Acesso em 01 de março de 2025.

ROCHA, Fernanda de Lemos. **A sociologia vai ao cinema: o uso do audiovisual como recurso didático na aula de sociologia**. 2020. 118 p. Dissertação (Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional. Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2020.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy’ of Sex. *In*: REITER, Rayna. **Toward na Anthropology of Women**. New York; London: Monthly Review Press, p. 175-210, 1975.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1995, p. 5-22.

SILVA, Alice Camilly Santos da; SANTOS, Marcos Vinicius Corrêa. KIMBERLÉ CRENSHAW: Interseccionalidade, Raça e Gênero. **Revista África e Africanidades**, nº 47 - 48, p. 34-41, 2023.

SILVA, Andréa Giordanna Araujo da. O que são artefatos culturais, materiais pedagógicos e recursos didáticos? **Blog Café com Sociologia**, Maceió, mai. 2020. Disponível em: https://cafecomsociologia.com/artefatos-culturais-materiais-pedagogicos-e-recursos-didaticos/#google_vignette. Acesso em: 21 set. 2024.

7. ANEXO A - GUIA PARA ELABORAÇÃO DE MATERIAL PEDAGÓGICO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FACS)**

Curso:	CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA	
Professora:	Márcia V. Malcher	Disciplina: Laboratório de Ensino de Ciências Sociais I

IDENTIFICAÇÃO

Nome:	Marcos Vinicius Corrêa Santos
Nome:	Mayara Teixeira
Nome:	Stephany Kellen
Público:	Ensino Médio, 2º ano
Título/Tema:	Entre linhas: o jeito livre de ser/ Diversidade de gênero e sexualidade.
Descrição:	Este guia se refere a uma aula de 45 minutos

LOCALIZAÇÃO NO PLANO DE ENSINO:

A aula sobre diversidade de gênero e sexualidade está localizada no terceiro bimestre do plano de ensino anual. O artefato cultural será utilizado quando se introduz e aprofunda o debate sobre as questões de gênero e a comunidade LGBTQIAPN+, visando fomentar a reflexão crítica sobre o preconceito e a inclusão social.

OBJETIVO DA AULA

O objetivo desta aula está em estimular os alunos a compreenderem as diferentes formas de identidade de gênero e orientação sexual, analisando o impacto social das normatividades impostas, tendo em vista que a sociedade é composta, majoritariamente, por pessoas héteros e cisgêneros, e refletindo sobre os efeitos da marginalização da comunidade LGBTQIAPN+.

A aula irá abordar os conceitos de gênero, identidade de gênero, orientação sexual e preconceito, tendo como embasamento teorias sociológicas que discutem as construções sociais e culturais. Ao final, espera-se que os alunos sejam capazes de identificar as estruturas que perpetuam o preconceito e de refletir sobre o papel da inclusão e do respeito à diversidade.

ARTEFATO CULTURAL

O artefato cultural utilizado será um vídeo audiovisual de aproximadamente 8 minutos, que trata sobre as questões de diversidade de gênero e sexualidade. Este será narrado e contará com músicas representativas, apresentando cenas de pessoas LGBTQIAPN+ vivendo suas vidas cotidianas, além de discutir o preconceito enfrentado por esses sujeitos e reforçar a importância do respeito e da inclusão no contexto social.

O projeto ainda inclui depoimentos de pessoas LGBTQIAPN+ sobre suas vivências e uma reflexão sobre a urgência de transformar a sociedade para ser mais inclusiva e justa. Trata-se de uma criação própria.

OBJETIVO DO USO DO ARTEFATO CULTURAL

O vídeo servirá como introdução ao debate sobre identidade de gênero e diversidade sexual, trazendo uma abordagem visual e emocional que atrai a atenção dos alunos desde o início. A partir disso, o audiovisual ilustrará, através de exemplos visuais e narrativos, o impacto do preconceito na vida das pessoas LGBTQIAPN+ e como a sociedade constrói e perpetua normas de gênero.

Gradativamente, o vídeo fornece contexto histórico e social para as questões de preconceito e inclusão, mostrando como essas dinâmicas afetam a vida cotidiana das pessoas LGBTQIAPN+. Ao discutir as cenas e depoimentos do vídeo, os alunos poderão aprofundar a compreensão sobre as teorias de gênero e refletir sobre como as normas sociais afetam as identidades sexuais e de gênero. Já no final da aula, o audiovisual ajudará a resumir os dados sobre a importância do respeito à diversidade de gênero e sexualidade, ligando conceitos sociológicos à realidade. Em termos didático-pedagógicos específicos, o vídeo tem como objetivo: Ilustrar e “marcar” os conteúdos abordados na aula.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DA(S) AULA(S)

Aula 1		
TEMPO	AÇÕES	DESCRIÇÃO

10 minutos	Introdução ao tema	<p>- Iniciar a aula apresentando os principais conceitos de gênero, identidade de gênero, orientação sexual e preconceito, utilizando slides e explicações orais cotidianas;</p> <p>- Breve explanação sobre como essas construções sociais impactam a vida cotidiana e a importância de discutir esses temas na sociedade contemporânea;</p> <p>-Utilização de Teorias como de: Judith Butler “Teoria Queer e Performatividade” que desenvolve a ideia de Performatividade de gênero. Butler argumenta que gênero não é algo que se é, mas algo que se faz; ou seja, é uma série de atos e performances repetidas que constroem a identidade de gênero. Essa ideia desafia as</p>
		<p>noções tradicionais de gênero como binário e fixo, sugerindo que as identidades de gênero são fluidas e podem ser subvertidas. A teoria queer, que Butler também promove, critica as normas heteronormativas e busca espaços de resistência e de expressão para todas as identidades de gênero e orientações sexuais;</p>
10 minutos	Exibição do vídeo	<p>- Contextualizar o vídeo que será apresentado, explicando brevemente a escolha do mesmo como uma ferramenta para ilustrar as vivências e os desafios enfrentados por essa comunidade.</p> <p>- Exibir o artefato (o vídeo) que aborda a diversidade de gênero e sexualidade, com narrativas e depoimentos visuais de pessoas LGBTQIAPN+</p>
15 minutos	Debate Coletivo	<p>Após a exibição do vídeo, abrir um espaço para debate com toda a turma, incentivando que os alunos expressem suas impressões e reflexões.</p> <p>- Perguntas norteadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quais foram os principais desafios e emoções que o vídeo trouxe à tona? • Como a sociedade, a família e a escola podem ajudar a combater o preconceito? • Qual a importância do respeito à diversidade de gênero e sexualidade para a construção de uma sociedade mais justa?
7 minutos	Encerramento	<p>- Evidenciar os principais pontos do debate, anotando palavras-chaves na lousa, e reforçar as ideias discutidas sobre a importância da inclusão social e do respeito à diversidade.</p> <p>- Solicitar que os alunos pensem em soluções práticas que podem ser aplicadas no ambiente escolar para promover uma maior inclusão de pessoas LGBTQIAPN+.</p>

8. ANEXO B – PÔSTER'S VERSÕES P&B/COLORIDO E FURG



9. ANEXO C – ROTEIRO

Roteiro Audiovisual

FORA DA BOLHA: A VIDA EM TODAS AS CORES

3 **Título:** **ENTRE LINHAS: O JEITO LIVRE DE SER CELEBRANDO DIFERENÇAS**

Apresentação (nome do vídeo e alguns créditos -opcional-) (5 segundos)

"Diversidade. Respeito. Inclusão. ~~Hoje, vamos explorar o valor de reconhecer e celebrar as diferentes identidades de gênero e orientações sexuais.~~ Esse é o caminho para uma sociedade mais justa e acolhedora."

Sugestão musical: "True Colors" - Cyndi Lauper (versão instrumental ou trechos suaves).

Romantização/ Frames de pessoas LGBTQIAPN+ vivendo suas vidas (1 minuto e 20 segundos)

• **Narração:** —

"O amor não tem uma única forma ou caminho. Pessoas LGBTQIAPN+ vivem suas histórias de amor, afeto e cuidado como qualquer outra pessoa. ~~Aqui, mostramos momentos que celebram essa diversidade nas suas mais puras expressões de carinho e afeto.~~ Cada relação, seja ela entre pessoas trans, lésbicas, gays, não-binárias, ou de outras identidades, merece ser respeitada."

"~~O que vemos aqui são~~ momentos simples, comuns, mas que representam a profundidade e a humanidade nas vidas das pessoas LGBTQIA+. São essas pessoas que enfrentam preconceitos, mas também encontram espaços de felicidade, amor e pertencimento. A cada abraço, a cada gesto, reafirmamos que ser LGBTQIA+ é ser parte integral da sociedade."

Sugestão musical: "Born This Way" - Lady Gaga (suave ou versão instrumental).

Problemática/ Imagens de notícias sobre violência (2 minutos)

Narração:

"Mas por que, ainda hoje, em pleno século XXI, pessoas LGBTQIAPN+ enfrentam tantos desafios? Violência, exclusão, piadas ofensivas... Muitas vezes, o preconceito está presente nos pequenos gestos do dia a dia, e em outras, ele aparece de maneira brutal, com agressões e até homicídios. Precisamos questionar essa estrutura. O que está alimentando esse ódio? Quais são os estereótipos e mitos que continuam a marginalizar essas comunidades?"

Estas são manchetes que não deveriam mais existir, mas que são a realidade. A violência contra pessoas LGBTQIA+ é alarmante. Vidas são interrompidas, sonhos destruídos,

famílias enlutadas. Quando olhamos para esses dados, percebemos que não estamos falando de estatísticas, estamos falando de seres humanos, com histórias e trajetórias interrompidas pelo preconceito."

Sugestão musical: Rise Up - Andra Day

Entrevista, Recortes (1 minuto)

Narração:

"É importante ouvir as vozes daqueles que vivem essa realidade todos os dias. ~~Aqui, temos~~ relatos de pessoas LGBTQIAPN+ que compartilham suas experiências, lutas, conquistas e esperanças. O que elas enfrentam diariamente? Como lidam com o preconceito e como buscam se fortalecer e resistir?"

Sugestão musical: Silêncio durante os relatos, com uma trilha instrumental suave ao fundo, como "Breathe Me - Sai".

Entrevista – Possíveis perguntas para os cortes:

- Como você lida com os preconceitos do dia a dia?
- O que a sociedade poderia fazer para ser mais inclusiva?
- Quais são as principais dificuldades que você enfrenta sendo LGBTQIAPN+?
- O que significa para você ser respeitado por sua identidade e orientação?

COMO É A VIDA PAA VOCÊ SENDO GAY, LESB, TRANS...? X

Importância do respeito (1 minuto)

Narração:

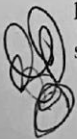
"O respeito à diversidade começa dentro de casa, no círculo familiar. Quando as famílias acolhem e respeitam a identidade de gênero e a orientação sexual de seus membros, elas fortalecem vínculos e ajudam a criar uma sociedade mais inclusiva. O apoio familiar é essencial, mas essa aceitação precisa se estender para as escolas, os locais de trabalho e todos os espaços públicos. Respeitar a diversidade não é apenas um ato de bondade, é um direito fundamental."

Sugestão musical: We Are Family" - Sister Sledge

Conclusão e Encerramento (1 minuto e 20 segundos)

Narração:

"A luta por direitos e respeito para a comunidade LGBTQIAPN+ é, na verdade, uma luta por justiça para todos. Uma sociedade que aceita e celebra suas diferenças é uma sociedade mais justa e igualitária. Quando aprendemos sobre a diversidade, começamos



a derrubar as barreiras do preconceito, da ignorância e do medo. O futuro está em nossas mãos. Que tal começarmos agora, respeitando e valorizando a diversidade ao nosso redor?"

Frase para finalizar e créditos (30 segundos)

"A diversidade não nos divide, ela nos fortalece."

Créditos: Produção, Atuação, Edição...

Sugestão musical: This Is Me - Keala Settle

10. ANEXO D – APRESENTAÇÃO I SEMINÁRIO DO LABES



11. EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

